

"Similaridade Entre Artes Plásticas e Outras Linguagens"

In MARINHO, Jorge Miguel; ALVES, Maria Leila Alves; DURAN, Marília Claret Geraes. Linguagem e Linguagens, Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE: Diretoria Técnica, São Paulo, 1993. 102 o, Série Idéias, n.17, p. 39 – 44.

Existe similaridade entre o que chamamos de Artes Plásticas e outras formas de comunicação que usam a criatividade como principal escopo?

Sim, existe, principalmente se levarmos em conta que todas estas formas de expressão têm uma estrutura comum informativa que chamamos de linguagem. Quando falamos em linguagem, logo nos vem à mente a figura da língua articulando com os dentes e com a ajuda da garganta, emitindo sons ou mesmo sistemas de signos com significados - provavelmente as primeiras tentativas de criação de um código comunicativo dos primórdios da história dos seres humanos em sociedade.

Todas estas manifestações informativas e criativas, segundo a teoria da informação/comunicação, afiguram-se em três níveis de linguagem: sintático, semântico e pragmático.

O nível sintático é o aspecto de como os signos (elementos essenciais e básicos de como as comunicações se compõem) se comportam em um determinado campo do ponto de vista da organização estrutural. Exemplo: vamos examinar uma das peças de artes plásticas - talvez a mais conhecida do mundo ocidental e cristão, que é o mural A Santa Ceia, de Leonardo da VINCI -, hoje reproduzida e democratizada em larga escala, graças aos meios de reprodução gráfico-fotográficos dos últimos 150 anos. Pois bem, apesar de ser um trabalho artístico eminentemente dissertativo-cristão, apresenta aspectos

sintáticos muito mais importantes para o historiador de Arte que outros níveis de linguagem.

A rígida composição do mural, o uso explícito de uma das grandes descobertas do Renascimento: a perspectiva - representação por meio de truques gráficos das três dimensões nas duas do suporte plano -, a dosagem das pessoas à mesa, tendo a figura principal (o signo do comando) no centro, ou quase, da composição, fazem com que o olho perceba este signo/comando com a importância que lhe é atribuída pela religião, ainda sem entrar em problemas de significados, mas conduzindo o olho do espectador - por meio sintáticos - para onde o artista queria. O nível semântico de linguagem do referido mural é justamente o significado da obra do ponto de vista da religião: Jesus, filho de Deus, na sua última ceia, dividindo o vinho (sangue) e o pão (corpo) com seus discípulos (apóstolos), sabendo, é claro, que um deles o trairia etc. etc. De resto, é o conteúdo do trabalho.

O nível pragmático deste tema religioso está justamente no seu uso, a partir do século XIX, como estampas, broches, alto-relevos, fotos, holografias etc., curtição em grande escala. Cito este exemplo da Santa Ceia por ser um trabalho artístico cujo repertório de imagens é altamente conhecido.

Estes níveis de linguagem são similares em todos os tipos de comunicação.

Um dos problemas de informação nas Artes Plásticas e/ou Comunicação Visual mais complicados é aquele da decodificação, isto é, representar, explicar ou mesmo informar uma imagem visual em outro código, como, por exemplo, o verbal.

O exemplo mais interessante que me vem à mente é o da cor. Como se sabe, a cor, um dos elementos informativos mais interessantes nas Artes Plásticas, é um fenômeno físico real que só existe em condições determinadas. Isto é: a cor é uma sensação ótica, determinada quando

existe uma fonte de luz incidindo em materiais que, por suas particularidades físicas, refletem ou absorvem esta fonte de energia em forma ótica de cores pela refração da luz branca. Isaac NEWTON chamava essa refração da luz de espectro (fantasma) pelo seu aspecto imponderável, mas que podia ser mensurável quanto à quantidade de calor/energia - cores frias e quentes - do ultravioleta ao infravermelho.

Bom, voltemos ao que interessa: é difícil determinar uma cor verbalmente. Quando falo: "Eu vi um horizonte vermelho", o interlocutor, para entender melhor, ou para sentir a mesma sensação, precisa saber a que tipo de vermelho me refiro. Isto porque do laranja ao violeta existe uma gama infinita de tons chamados vermelhos. Quer dizer, nestes casos a comunicação verbal não proporciona a realidade similar. Então eu uso um código vermelho (uma redundância) mais conhecido, como, por exemplo: "O vermelho a que me refiro é um vermelho idêntico ao da Coca-Cola". Como quase todo mundo já viu e bebeu Coca-Cola (sintático, pragmático) então reconhece com certa precisão o tipo de vermelho.

Lembro-me de que, quando estudava no curso Primário, era comum nas aulas de linguagem o desenvolvimento de exercícios de decodificação: a partir de uma imagem, descrever verbalmente o que significa, e o contrário era feito nas aulas de desenho, isto é, uma imagem/ilustração a partir de um texto.

Estes podem ser os casos mais interessantes de similaridade entre imagem, som, movimento etc., e que resulta em espetáculos artísticos onde todas as formas de comunicação se unem, como é o caso do cinema e de vários tipos de espetáculos teatrais e shows musicais.

A desvinculação, na época do Modernismo, das representações literárias, tanto nas Artes Plásticas quando na Música, fez com que estas formas de comunicação assumissem, com liberdade total, aspectos sintáticos peculiares a cada sistema, chegando inclusive à criação de

obras de arte que poderiam ser entendidas por espectadores de idiomas diversos.

No caso das Artes Plásticas, esta desvinculação começa em meados do século XIX com os pintores impressionistas e, no começo deste século, com os cubistas. Todavia, a desvinculação total ao tema só acontece mesmo com os construtivistas russos na segunda década do século XX.

Mesmo depois da revolução comunista, artistas e intelectuais soviéticos tentaram a utopia de criar sistemas de comunicações por imagem, a fim de neutralizar as dificuldades de entendimento dos diversos idiomas e culturas nacionais das diversas religiões da antiga União Soviética. É claro que foram impedidos pelos acadêmicos populistas que tomaram o poder cultural no começo da década de 30.

Para nós, do hemisfério sul, esta utopia pode até tornar-se real, principalmente nos países onde o analfabetismo ainda é muito grande. No Brasil, uma grande parcela dos que sabem ler e escrever lê com muita dificuldade e mal escreve o próprio nome. Daí a grande importância da comunicação por imagens, principalmente nos grandes centros urbanos em que predomina o caos informativo, seja pelo excesso de mensagens verbais de orientação, seja pela liberdade quase total do uso da propaganda comercial, ocasionando o que chamamos de poluição visual.

Faço parte de um pequeno grupo de artistas plásticos com formação também em Arquitetura, que desde o final da década de 70 estuda e pesquisa os problemas visuais do meio ambiente da cidade de São Paulo, criando até mesmo murais artísticos, painéis, peças gráficas e mobiliários urbanos, com o intuito não só de dar cultura à população urbana como também de neutralizar a poluição visual urbana, criando melhores condições de vida na cidade.

Soube, por intermédio de colegas que trabalham como professores de Educação pela Arte em escolas da Rede Oficial, que um certo deputado federal queria aprovar um projeto de lei extinguindo ou abreviando o ensino de Arte no currículo escolar. Não fosse a atitude enérgica e digna de artistas, intelectuais e arte-educadores enviando inúmeras listas com assinaturas dos mais importantes membros da inteligência brasileira contra mais uma violência à cultura, estaríamos hoje dando mais um passo a caminho da barbárie.

